

"alma é apenas uma palavra para um algo no corpo": a propósito de uma sentença de Zaratustra repetidas vezes mencionada nos manuscritos de Wittgenstein

*"Soul is only a word for something in the body": on a sentence of Zarathustra repeatedly mentioned in Wittgenstein's manuscripts*

### Resumo

Discuto neste artigo um excerto dos manuscritos de Wittgenstein em que é mencionada uma sentença do livro *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche. Tomando o excerto como um caso exemplar, pretendo mostrar que a crítica ao aspecto ilusório de muito do que é dito na linguagem dos conceitos psíquicos, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, não dá razão para se adotar uma postura materialista como aquela expressa na sentença de Zaratustra. Na sequência, procuro mostrar que, ao invés, é o próprio raciocínio que procede da crítica linguística dos conceitos psíquicos à afirmação da inexistência de fenômenos do gênero que se arvora sobre uma ilusão gramatical.

**Palavras-chave:** alma; materialismo; linguagem; ficção; gramática.

\* Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Contato: [daniel\\_temp@hotmail.com](mailto:daniel_temp@hotmail.com)

Recebido em: 30/12/2021 Aceito em: 08/10/2022

### Abstract

*In this article I discuss an excerpt from Wittgenstein's manuscripts in which a sentence from Zarathustra is mentioned. Adopting the excerpt as an exemplary case, I intend to show that the criticism of the illusory aspect of much of what is said in the language of psychological concepts, contrary to what it may seem at first, does not give reason to adopt a materialist posture such as that expressed in sentence of Zarathustra. In the sequence, I then try to show that the very reasoning that proceeds from the linguistic criticism of psychological concepts to the affirmation of the inexistence of such phenomena stands on a grammatical illusion.*

**Keywords:** soul; materialism; language; fiction; grammar.

*“Aos desprezadores do corpo desejo falar. Eles não devem aprender e ensinar diferentemente, mas apenas dizer adeus a seu próprio corpo—e, assim, emudecer. “Corpo sou eu e alma” — assim fala a criança. E por que não se deveria falar como as crianças?  
Mas o desperto, o sabedor, diz: corpo sou eu inteiramente, e nada mais; e alma é apenas uma palavra para um algo no corpo”  
(Za/ZA I, Dos desprezadores do corpo)*

Ao todo, a sentença final do excerto reproduzido acima comparece pelos menos seis vezes nos cadernos e manuscritos de Wittgenstein<sup>1</sup>. Apesar de serem ocorrências esparsas, espalhadas ao longo de um intervalo de muitos anos, uma coisa é certa: a sentença, evocada sempre em meio a reflexões mais amplas sobre a gramática dos conceitos psíquicos, é invariavelmente tida, nesse contexto, como exemplo de uma postura materialista cujo teor Wittgenstein expressamente repudia: “Estou dizendo algo como ‘e a alma é somente algo

---

1 Cf. BIESENBAACH, 2014. O leitor encontrará uma revisão historiográfica, amparada num estudo de fontes, sobre as relações entre Wittgenstein e a filosofia de Nietzsche em BRUSSOTTI, 2009.

no corpo? Não (eu não sou tão pobre em categorias)<sup>2</sup>". A postura materialista mirada por Wittgenstein não se refere apenas ao materialismo considerado como hipótese metafísica no sentido clássico. Pensar o contrário seria fazer do alvo de seus argumentos um espantalho. A filosofia da psicologia de Wittgenstein em larga medida constitui uma invectiva mordaz e radicalmente anti-cartesiana contra as ilusões arraigadas num vocabulário mentalista. Nesse sentido, a postura materialista de que ele quer se desvencilhar não é senão a postura que parece se seguir naturalmente do fio de seu próprio raciocínio (não à toa, no excerto citado, ele mesmo se indaga a esse respeito): no fim das contas, o filósofo que repudia a ideia de que "a alma seja um algo no corpo" é exatamente o mesmo que escreve que "o corpo humano é a melhor imagem da alma humana" (IF II, IV).

Diante disso, o principal intento do presente artigo é modesto: adotando como caso exemplar o comentário à sentença de Zarathustra, pretendo elucidar as razões pelas quais uma investigação sobre o aspecto ilusório de muito do que é dito na linguagem dos conceitos psíquicos, conforme Wittgenstein reitera, não se confunde com uma postura materialista como aquela expressa na sentença nietzscheana. Por postura materialista entendo — como, nesse caso, Wittgenstein também parece entender — a pretensão de reescrever os conceitos psíquicos (alma, eu, mente, vontade) em uma linguagem não-mentalista<sup>3</sup>

---

2 „Sage ich etwa 'und die Seele ist auch nur etwas am Leibe'? Nein (Ich bin nicht so arm an Kategorien)" (Ts 232, p. 765). Faço referência aos manuscritos de Wittgenstein por meio das *Berger Ausgabe (Wittgenstein's Nachlaß. Text and Facsimile Version. The Berger Electronic Edition, Oxford / New York u. a. 1998f)*. As abreviaturas utilizadas são as seguintes: Ms = Manuscrito, Ts = Tipografia, EPB = Eine Philosophische Betrachtung (Livro Marrom), IF = Investigações Filosóficas, RPP I = Remarks on the Philosophy of Psychology I. As traduções dos trechos dos manuscritos são de minha autoria.

3 Alguém poderia argumentar que, a rigor, o que se está a chamar de postura materialista é apenas uma variante do assim chamado fisicalismo eliminativo – e, nesse caso, permaneceria no horizonte a possibilidade de um "materialismo não-reducionista" (conforme parece sugerir o dito wittgensteiniano de que o corpo é a melhor imagem da alma). Aqui, das duas, uma: ou a variante "não-reducionista", para fazer jus ao rótulo de materialismo, igualmente supõe o que se está a chamar de postura materialista e considera que os conceitos psíquicos, ao fim e ao cabo, podem ser inteiramente reescritos no vocabulário dos eventos/processos materiais, ou então considera que conceitos psíquicos carregam significado por si só, independentemente de poderem ser remetidos a qualquer evento ou processo material. No primeiro caso, a postura materialista é claramente uma suposição elementar também do materialismo não-redutivo; já no segundo caso, além da mera compatibilidade lógica, não há mais nenhuma razão para se falar em uma postura necessariamente materialista. Conforme o leitor terá a oportunidade de notar no decorrer do texto, o próprio Wittgenstein emprega a palavra materialismo para se referir a uma espécie de postura ou convicção mais ampla contra a qual se opõe – sem se comprometer, com isso, com qualquer das doutrinas metafísicas presentes nas discussões contemporâneas de filosofia da mente.

(como parte do corpo, em termos da neurofisiologia do cérebro, segundo o comportamento observável<sup>4</sup> etc). Embora me concentre em particular na reação de Wittgenstein face à sentença de Nietzsche, renuncio deliberadamente aos pormenores historiográficos em nome de uma abordagem sistemática que prioriza a exposição de ideias. E o motivo é o seguinte: penso que as razões aduzidas por Wittgenstein contra ambos cartesianismo e materialismo são instrutivas não apenas pontualmente no caso do comentário à sentença de Zaratustra, mas sobretudo no que diz respeito a um padrão de raciocínio que com frequência se repete ainda hoje, notadamente, a suposição (errônea) de que despir os conceitos psíquicos de conotações metafísicas significa, *ipso facto*, reinterpretá-los segundo uma postura materialista<sup>5</sup>.

## I.

Em uma anotação pertencente aos manuscritos que mais tarde viriam a ser editados como parte das *Observações sobre a filosofia da psicologia*, Wittgenstein escreve:

*Estás dizendo que o homem não tem uma alma, só um corpo? Mas o que diz aquele que afirma tal coisa? Qual estado de coisas ele afirma, qual nega? — ‘Ora, então para ti não quer dizer nada se alguém ensina que o homem não tem alma?’ — Ora, isso não é bonito; nesse caso eu penso em um materialista convicto, alguém que apregoa uma determinada convicção. ‘E a alma é apenas algo no corpo’ (Nietzsche) E por que para mim o corpo*

---

4 No decorrer do artigo haverá de ficar esclarecido por que Wittgenstein não se compromete com o behaviorismo, malgrado o fato de que o comportamento possui, segundo ele, um papel importante na expressão dos fenômenos psíquicos. A respeito do assunto, cf. ANSCOMBE, 2005.

5 Um exemplo contemporâneo e muito pertinente é Daniel Dennett, que inclusive chega a mencionar a sentença de Zaratustra como uma sentença simpática ao que se está chamando de postura materialista (da qual ele próprio é hoje um dos representantes mais emblemáticos): “It is harder to think functionally about the mind once we abandon the crisp identification of the mind with the brain and let it spread to other parts of the body, but the compensations are enormous. The fact that our control systems, unlike those of ships and other artifacts, are so noninsulated permits our bodies themselves (as distinct from the nervous systems they contain) to harbor much of the wisdom that ‘we’ exploit in the course of daily decision making. Friedrich Nietzsche saw all this long ago, and put the case with characteristic brio, in Thus Spake Zarathustra [e então cita o excerto]” (DENNETT, 1996, p.77).

*não poderia se desfazer & estados da alma, dados dos sentidos, permanecerem? — Não, — “O corpo existe, a alma não” é sem sentido [Unsinn] (Ms 131, p. 68-69)<sup>6</sup>*

A despeito de quaisquer razões biográficas particulares que Wittgenstein possa ter tido para eleger Nietzsche como exemplo de alguém que adota uma postura materialista, o fato é que o exemplo se faz ainda mais eloquente por se referir a um filósofo cujo pretensão juízo materialista resulta, dentre outras coisas, de uma análise crítica da linguagem. Começemos por aí. Um dos motivos mais conhecidos da filosofia de Nietzsche é precisamente a ideia de que a gramática oculta toda uma mitologia de interpretações metafísicas que, ao pensar, subscrevemos sem sequer perceber; o exemplo que Nietzsche repetidamente menciona é a forma lógico-gramatical que estrutura as sentenças segundo o esquema sujeito-predicado: considere-se a sentença ‘o fogo queima’; nela, o fogo aparece uma vez como um processo, uma atividade (representada pelo verbo queimar), e outra como sujeito, ou seja, como um ente *distinto* do processo (representado pelo substantivo fogo)<sup>7</sup>; segundo o filósofo, o exemplo mostra como a forma gramatical da sentença, ao forçar a separação entre sujeito e predicado, força uma separação — na realidade inexistente — entre autor e ato, entre agente e ação (JGB/BM I 17, 20).

Aos olhos de Nietzsche, esse exemplo é um caso flagrante de como hábitos gramaticais originam ilusões metafísicas, uma vez que a própria gramática, nesse caso, desde logo supõe uma premissa (nenhum predicado sem sujeito) que nos induz a pensar em meros eventos segundo parâmetros intencionais da ação humana (onde há uma atividade ou um evento, há aí também um sujeito, um agente causador). De acordo com Nietzsche, é exatamente isso que acontece no caso dos conceitos psíquicos, como o conceito de alma ou a crença em um ego substantivo: esses conceitos, no fundo, não passam de

---

6 „Sagst Du aber, der Mensch habe keine Seele, nur einen Leib? Aber was sagt, der das behauptet? Welcher [...] Sachverhalt behauptet er, welchen leugnet er? – “Nun, sagt **Sagt** es Dir denn nichts, wenn **einer** Einer **behauptet** lehrt, der Mensch habe keine Seele?” – Nun, es ist nicht hübsch; ich denke dabei an einen materialistisch Gesinnten, auch an Einen der eine bestimmte Gesinnung predigt. “Und die Seele ist auch nur etwas am Körper” (Nietzsche) Und warum soll mir nicht der Körper wieder zerfließen & Seelenzustände, Sinnesdaten, zurückbleiben? – Nein, – “Der Leib existiert, die eine Seele nicht” ist Unsinn“ (Ms 131, 1946, p. 68-69). Cf. RPP I 265, onde parte do excerto do manuscrito é reproduzido, porém menção a Nietzsche já está suprimida.

7 O exemplo original que Nietzsche frequentemente emprega é “das Blitz leuchtet” [o relâmpago relampeja] (eKGWB/NF-1885,2[84]). A fim de evitar o pleonasma (inexistente no original), em vez de simplesmente verter a sentença para o português, optei por utilizar a sentença “o fogo queima”, que, nesse caso, é um equivalente lógico e gramático da sentença originalmente empregada.

preconceitos linguísticos derivados de um raciocínio que procede conforme hábitos gramaticais (JGB/BM I 54). A crítica nietzscheana, contudo, não pretende simplesmente dar cabo do conceito de alma; seu propósito, ao invés, é despojar o conceito das infundáveis ilusões metafísicas que foram sendo projetadas nele por obra de uma crença demasiado literal na gramática; nesse sentido, posto que sucumbem à crença ilusória de que deve existir um ente substantivo por detrás dos eventos reais, tanto abordagens dualistas quanto o materialismo antigo entram na mira da crítica nietzscheana. O excerto a seguir ilustra de forma emblemática o que se está a dizer:

*é preciso inicialmente liquidar aquele outro e mais funesto atomismo, que o cristianismo ensinou melhor e por mais longo tempo, o atomismo da alma. Permita-se designar com esse termo a crença que vê a alma como algo indestrutível, eterno, indivisível, como uma mônada, um atomon: essa crença deve ser eliminada da ciência! Seja dito entre nós que não é necessário, absolutamente, livrar-se com isso da “alma” mesma, renunciando a uma das mais antigas e veneráveis hipóteses [...] Está aberto o caminho para novas versões e refinamentos da hipótese da alma: e conceitos como “alma mortal”, “alma como pluralidade do sujeito” e alma como estrutura social dos impulsos e afetos” querem ter, de agora em diante, direito de cidadania na ciência. (JGB/BM I 12)*

Está na cara que, na opinião de Nietzsche, ambos dualismo (cristianismo) e materialismo encontram-se aparentados no erro de supor a existência de entes substantivos, seja o átomo ou a alma, como um algo à parte, algo cuja existência subjaz aos eventos ou processos da experiência. Precisamente aí está a premissa que anima aquela sentença de Zarathustra: nem átomos, nem tampouco substâncias espirituais, mas eventos ou processos físicos é que compõem a realidade, também a realidade psíquica. Ou seja, a sentença “alma é apenas uma palavra para um algo no corpo” de fato expressa uma postura materialista acerca dos fenômenos psíquicos; só que em vez de uma concepção como aquela do atomismo antigo, a sentença expressa antes a ideia a rigor fiscalista de que os conceitos psíquicos no fim das contas não passam de eventos ou processos físicos/fisiológicos que ocorrem no corpo<sup>8</sup>.

---

8 O exame historiográfico das ideias mais influentes acerca da psicologia científica na Alemanha oitocentista, bem como a análise do impacto que essas ideias exerceram sobre o pensamento de Nietzsche reforça ainda mais a ideia de que, no respeitante aos fenômenos psíquicos, o filósofo – ao menos algumas vezes – adotou aquilo que aqui se está a chamar de postura materialista. Cf.,

Nesse contexto, o que separa a assim chamada postura materialista do atomismo antigo é sobretudo a opinião adotada pela primeira com relação à abordagem dos fenômenos psíquicos: numa postura materialista, nem os fenômenos psíquicos são considerados entes atômicos (alma, eu), nem seu estudo pressupõe a existência ou a postulação de entes do gênero (átomos, substâncias); ao contrário, a ideia elementar da postura materialista é que os fenômenos psíquicos não diferem de *processos ou eventos físicos/fisiológicos*, e que considerá-los como entes providos de existência própria é cair vítima de uma ilusão linguístico-gramatical; nessa perspectiva, o estudo dos fenômenos psíquicos equivale ao estudo dos eventos e processos físicos/fisiológicos que se passam no corpo: daí a ideia de que a 'alma' é apenas uma palavra, ou seja, uma ficção linguística, para um algo, ou seja, um processo psicofisiológico, localizado algures no corpo. Portanto, não é à toa que Nietzsche se refere à alma como uma *hipótese*, afinal, segundo a postura materialista adotada por ele, os conceitos psicológicos não são mais que abreviaturas de fenômenos físicos complexos. Tanto é assim que ele chega a sugerir uma reinterpretação do conceito (alma mortal, alma como pluralidade do sujeito, e por aí vai) a fim de convertê-lo em uma hipótese razoável ante os parâmetros em voga na ciência.

Penso que uma tal sugestão expõe com inconfundível clareza o preceito definidor do que se está a chamar de postura materialista: a ideia de que entender realmente os conceitos psíquicos não significa outra coisa senão traduzi-los ou adequá-los à linguagem dos eventos materiais que pretensamente os constituem. Pois bem: quando, no excerto retrocitado, fazendo alusão a alguém que ensina que a alma não existe, Wittgenstein escreve: "nesse caso eu penso em um materialista convicto, alguém que apregoa uma determinada convicção", e então cita a sentença do Zaratustra, é numa postura materialista como a descrita acima que ele está pensando, conforme será mostrado a seguir.

## II.

Dizer 'o corpo existe, a alma não' é sem sentido. Tal é a objeção que Wittgenstein faz soar contra a postura materialista ao final do excerto mencionado

---

por exemplo, GORI, 2017, cujo título já é por demais sugestivo: "*A caminho de uma filosofia sem alma. Uma abordagem psicofísica sobre a crítica da subjetividade em Nietzsche*". Cumpre notar, no entanto, que nem sempre essa é a posição de Nietzsche: como de hábito, também a respeito dessas questões o filósofo possui ideias ambivalentes. Desta forma, ao identificar em Nietzsche uma postura materialista, deliberadamente enfatizo o aspecto da meditação nietzscheana que inspira leituras mais afeitas a interpretações materialistas, conforme ilustra o estudo recém-citado (além da leitura que o próprio Wittgenstein faz de Nietzsche).

mais atrás. A fim de entender em que sentido a postura materialista é dita sem sentido, convém, antes de mais nada, voltar ao início do excerto. Logo de saída, Wittgenstein empilha três perguntas na sequência: “Estás dizendo que o homem não tem uma alma, só um corpo? Mas o que diz aquele que afirma tal coisa? Qual estado de coisas ele afirma, qual nega?”. A resposta parece evidente: aquele que nega que o homem tem uma alma, por um lado, nega a existência de uma substância imaterial, ao passo que, por outro lado, afirma que existem apenas entes ou eventos materiais. Ou seja, o materialista imaginado no excerto nega a existência de entidades imateriais supostamente presentes no interior ou por trás de eventos físicos. Embora remonte a disputas paralelas, considere-se, na qualidade de exemplo, o trecho a seguir: “Mas não nos esqueçamos de uma coisa: quando ‘eu levanto meu braço’, meu braço se levanta. E surge o problema: o que resta se subtraio do fato de que eu levanto meu braço o fato de que meu braço levanta?” (IF, § 621). Abstraindo do que diz o contexto específico de onde o trecho foi retirado, o importante aqui é notar que, diante de uma tal pergunta, o materialista imaginado no excerto responderia sem titubear: não resta nada, ou melhor, nada além da cadeia de eventos neurofisiológicos responsáveis pela capacidade motora dos músculos do braço. Ou seja, “aquele que afirma que só existe o corpo, e não a alma” (o materialista do excerto), afirma, por exemplo, que por trás da ação, do movimento aparentemente intencional do corpo, existe uma cadeia de eventos físicos, estímulos nos nervos, processos fisiológicos, e só. Aquele que afirma que só existe o corpo, e não a alma, afirma, portanto, que não há nenhuma entidade metafísica independente, como uma vontade, um ego ou uma alma, escondido detrás dos eventos físicos; ao invés, a crença na ideia de alma como uma substância etérea hospedada no corpo não passa de uma variação da crença linguística no sujeito gramatical por trás das sentenças, conforme se verifica com clareza no exemplo legado por Nietzsche.

A invectiva materialista assevera, enfim, que a linguagem nos leva a crer que existem objetos intangíveis lá onde na realidade existem apenas processos materiais. Exatamente aí a reflexão de Nietzsche se afigura como um exemplo instrutivo. Pois há aspectos da crítica nietzscheana que lembram de perto a reflexão linguística de Wittgenstein, a começar pela ideia de que a linguagem produz toda sorte de ilusões metafísicas. A controvérsia é que, no caso de Nietzsche, a crítica da linguagem é levada adiante em proveito de uma postura materialista, exatamente a mesma postura que, no excerto dos manuscritos, Wittgenstein repudia de forma peremptória. Nesse cenário, a reflexão nietzscheana se afigura como um exemplo instrutivo justamente

porque nela se escancara uma inclinação quase irresistível diante da qual o pensamento filosófico mais sofisticado não raro sucumbe: a inclinação de extrair conclusões céticas sobre a (não) existência de entes imateriais a partir de considerações críticas sobre a linguagem.

O próprio Wittgenstein, ao repudiar a ideia de que os fenômenos psíquicos são estados ou processos mentais internos nas *Investigações*, logo se pergunta: “Acaso tu não serias um behaviorista disfarçado? No fundo, não dizes que tudo, exceto o comportamento humano, não passa de ficção?” — Se eu falo de uma ficção, é de uma ficção gramatical” (IF §307). Embora a passagem pareça insinuar, nas entrelinhas, que os conceitos psíquicos são ficções gramaticais, não é esse o caso. A noção de ficção gramatical é, ao invés, apresentada como um contraponto à suposição behaviorista de que apenas os fatos observáveis são reais. A pergunta então é: se não nos próprios conceitos psíquicos, no que consiste, então, a tal ficção gramatical de que fala a passagem? Ora, entender em que sentido a noção de ficção gramatical é um contraponto, e não o corolário do behaviorismo (nesse contexto, uma variante da postura materialista), significa entender por que alguém que afirma que conceitos psíquicos não são processos ou entes mentais internos parece afirmar que os conceitos psíquicos não passam de ficções; ou, posto de outra forma, significa entender por que cargas d’água nos sentimos inclinados a pensar que despir os conceitos psíquicos de uma roupagem metafísica mentalista significa, num só golpe, reinterpretá-los segundo os parâmetros da postura materialista. A resposta vem logo no parágrafo seguinte:

*Como se chega ao problema do behaviorismo e dos processos e estados da alma? — O primeiro passo é inteiramente imperceptível. Falamos de processos e estados e deixamos a sua natureza indecida! Talvez venhamos a saber mais sobre ela — pensamos. Porém exatamente com isso nos prendemos a uma determinada maneira de enxergar as coisas. Pois temos um conceito determinado do que significa: conhecer melhor um processo. (O passo decisivo do truque de mágica foi dado, e justamente ele nos parecia inocente.) — E agora se desfaz a analogia que deveria fazer compreensíveis nossos pensamentos. Precisamos, pois, negar o processo ainda incompreendido em um meio ainda inexplorado. E assim parecemos ter negado os processos espirituais. E naturalmente não queremos negá-los! (IF § 308, p. 109, tradução ligeiramente modificada)*

Um pensamento de notável perspicácia está embrulhado nas linhas desse parágrafo. O ponto de partida é uma observação sobre o uso comum da linguagem: no mais das vezes, o significado de uma palavra ou expressão costuma ser estabelecido conforme o esquema característico dos nomes próprios, quer dizer, o significado é fixado por uma correlação, estabelecida e partilhada pelos falantes, entre palavra e coisa designada; é o caso de coisas, como pedra, água, sapato, ou processos materiais, como saltar, comer, desmornar. Entretanto, nós não falamos apenas de coisas e processos materiais: o mundo está repleto de entes dos mais variados, dentre os quais uma classe inteira de entes cuja existência, ao contrário das coisas materiais, só vem a lume *depois* que se aprende uma linguagem; é o caso de entes abstratos, como números, ideias gerais, e também parte dos conceitos psíquicos.

O detalhe é que, como a referência a entes abstratos é algo que depende da linguagem, ao falar sobre entes do gênero naturalmente recorreremos a expressões e vocábulos cujo significado nos é imediatamente familiar, nesse caso, expressões e vocábulos da linguagem empregada para se falar de entes e processos materiais. Assim, embora a ocorrência de uma analogia passe despercebida no exercício cotidiano da língua (eis aí o primeiro passo, dito imperceptível), o fato é que falamos de processos mentais *de forma análoga* à maneira como falamos de processos materiais. O resultado é uma certa promiscuidade na maneira como falamos de ambos os registros físico e mental: “falamos de processos e estados e deixamos a sua natureza indecisa”. Considerem-se, a título de exemplo, as seguintes sentenças:

- “*nadar até a outra margem do rio custou-lhe um esforço tremendo*”
- “*compreender aquela ideia custou-lhe um esforço indizível*”

A palavra esforço<sup>9</sup>, na primeira sentença, não significa senão esforço físico — ou seja, a palavra se refere, nesse contexto, à aplicação ou empenho constante

---

9 Emprestei o exemplo (adaptado) de outro excerto dos manuscritos de Wittgenstein em que é citada a sentença de Zarathustra. No excerto Wittgenstein compara as expressões ‘esforço corporal e esforço espiritual’ e se pergunta o que haveria de comum a ambas as expressões a fim de que as ambas sejam designadas pela palavra ‘esforço’. Eis o excerto: „Man kann sagen: ‚Körperliche & geistige Anstrengung heißen beide so, denn das Element der Anstrengung ist in beiden‘. Die Idee, das Bild, ist hier: ‚Anstrengung‘ heißt etwas, was in beiden enthalten ist. Man kann aber auch sagen: ‚Ich nenne beides ‚Anstrengung‘, weil eine Ähnlichkeit zwischen ihnen besteht‘. Und man kann sich nun dann an alle möglichen Ähnlichkeiten erinnern. Und man kann sich nun alle möglichen Ähnlichkeiten in die Erinnerung rufen. Und man kann dann an alle möglichen Ähnlichkeiten denken sich nun auf alle möglichen Ähnlichkeiten besinnen. Denke an geistige & körperliche Unruhe, oder Ruhe. Man könnte sagen, die geistige Unruhe ist sei eine Art körperliche körperlicher Unruhe. Und dergleichen Ähnliches ist oft gesagt worden (z.B. ‚Und Geist ist auch nur etwas am Körper‘ (Zarathustra). Diese Idee muß uns noch beschäftigen.)“ (Ms 115, S. 284f)

de uma certa força contra um conjunto de forças contrárias. Por outro lado, na segunda sentença, a palavra 'esforço' é empregada de forma análoga, mas desta vez para se referir a um processo psíquico. Nesse caso, como é evidente, o significado da palavra não é senão analógico ou metafórico.

Embora o recurso à analogia a princípio pareça estar acima de qualquer suspeita, é exatamente aí que as coisas começam a degradingolar: é que apesar de compreendermos o que é dito, não é de modo algum claro como compreender a *natureza exata* do processo que, na segunda sentença, chamamos 'esforço'. "Talvez venhamos a saber mais sobre ela — pensamos. Porém exatamente com isso nos prendemos a uma determinada maneira de enxergar as coisas. Pois temos um conceito determinado do que significa: conhecer melhor um processo". A ideia é que, ao estender a linguagem usada para falar de coisas materiais para o contexto de fenômenos psíquicos, importamos da linguagem das coisas materiais a suposição do que significa compreender melhor um estado ou processo. Por exemplo: de hábito, consideramos que para compreender melhor o processo físico que denominamos 'esforço', cumpre examinar a fisiologia do movimento corporal, a anatomia dos músculos e outras coisas do gênero. Ora, ao empregar a mesma palavra para falar de um fenômeno psíquico, somos levados a supor (eis o truque!) que, analogamente, para compreender melhor o fenômeno psíquico que denominamos 'esforço', cumpre igualmente examinar a gama de processos que o compõem. E assim, porque no caso da linguagem das coisas materiais temos uma ideia mais ou menos clara do que significa conhecer um processo (examiná-lo objetivamente), somos levados a acreditar que na linguagem dos conceitos psíquicos as coisas funcionam do mesmo jeito.

Ou seja, a analogia entre um vocabulário e outro nos faz pensar que conceitos psíquicos designam objetos ou processos mentais *no mesmo sentido* que os conceitos materiais designam objetos ou processos materiais (IF §571). Exatamente por isso, por pensarmos nos conceitos psíquicos como entidades que, a não ser pela natureza psíquica, semelham de todo entidades materiais, nos vemos inclinados a pensar que, das duas, uma: ou os conceitos psíquicos são nomes para processos objetivos — leia-se: processos que podem ser investigados cientificamente —, ou não são nada, são simples ficções mentalistas. Chega-se, assim, à disjunção ilusória de que Nietzsche caiu vítima. Disjunção ilusória, pois a analogia de onde ela se origina é enganosa. Por seu turno, a analogia é enganosa pois, ao favorecer a comparação entre o registro físico e mental, acaba ocultando pontos de clara desanalogia: para que sejam melhor compreendidos, processos materiais como aqueles que se passam no cérebro, por exemplo, podem ser objeto de estudo científico, podem ser

fisicamente seccionados, analisados e seus componentes podem ser postos sob as lentes de um microscópio; mas o mesmo simplesmente não se aplica ao registro de fenômenos psíquicos: não há como pôr a alma sob as lentes de um microscópio (SCHNEIDER, 2020, p. 114).

Precisamente aí a analogia acaba por malograr. Conforme é dito no excerto: “E agora se desfaz a analogia que deveria fazer compreensíveis nossos pensamentos. Precisamos, pois, negar o processo ainda incompreendido em um meio ainda inexplorado. E assim parecemos ter negado os processos espirituais. E naturalmente não queremos negá-los!”. Ou seja, aquilo que ainda um parágrafo antes Wittgenstein dizia ser uma ficção gramatical não é senão o raciocínio analógico que nos faz conceber os fenômenos psíquicos em paralelo com os estados ou processos físicos. Trata-se de um raciocínio fictício justamente porque supõe que a linguagem funciona sempre do mesmo jeito, quer dizer, conforme a gramática própria das coisas e processos materiais. Ao repudiar a ideia de que os fenômenos psíquicos são estados ou processos mentais internos, o que Wittgenstein repudia é, pois, uma maneira de enxergar as coisas a que somos quase que naturalmente compelidos por obra de uma ilusão gramatical. Desvenda-se então o porquê de nos sentirmos inclinados a pensar que despir os conceitos psíquicos de uma roupagem metafísica mentalista significa reinterpretá-los segundo a postura materialista: a saber, pela influência de um modo de pensar que ainda não se desgarrou inteiramente *dos efeitos* do uso analógico-metafórico da linguagem.

Justamente por efeito de um tal modo de pensar é que Wittgenstein parece reclamar a inexistência dos próprios processos psíquicos. Nesse caso, uma observação sobre o uso da linguagem acaba confundida com uma afirmação sobre a (não)existência de processos psíquicos (SCHNEIDER, 2020, p. 115). Tal desengano se explica da seguinte maneira: sob os auspícios daquilo que Wittgenstein designou como ficção gramatical, pensa-se no conceito de existência segundo o exemplo das coisas e processos materiais, ou seja, como existência objetiva; uma vez que Wittgenstein renega a ideia de que os próprios fenômenos psíquicos sejam algo que possa ser observado objetivamente, raciocina-se segundo a disjunção mencionada acima para então concluir: “logo, fenômenos propriamente psíquicos não existem”. Daí a impressão de que as próprias considerações de Wittgenstein pudessem de alguma maneira apadrinhar a postura materialista — no caso, o behaviorismo.

## III.

Depois de toda essa volta, é tempo de retornar àquele excerto em que aparece a sentença de Zaratustra. Afinal lá o raciocínio procede de forma semelhante ao que acabamos de ver. Após citar a sentença de Zaratustra como exemplo de uma postura materialista, Wittgenstein declara: “O corpo existe, a alma não é sem sentido [*Unsinn*]”. E então prontamente nos vem a pergunta: por quê? A resposta é: porque nessa sentença encontram-se emaranhadas as gramáticas de duas linguagens que funcionam de forma inteiramente diferente (dois jogos de linguagem, para os que gostam dos jargões). Ou seja, o materialista do excerto, ou, dito sem rodeios, Nietzsche, encontra-se exemplarmente preso a um modo enviesado de enxergar as coisas: ele recusa como sem significado *próprio* uma palavra que não possui um correspondente objetivo nítido sem se dar conta de que a razão de seu repúdio provém justamente de uma analogia com a gramática dos conceitos materiais<sup>10</sup>.

Ou melhor, Nietzsche só pensa que a palavra ‘alma’ é apenas uma palavra (por si só desprovida de significado) porque desde logo supõe que a linguagem dos conceitos psíquicos a que ela pertence funciona de forma *análoga* à linguagem dos conceitos materiais, onde o significado de uma palavra é dado pela correlação entre palavra e coisa designada (não à toa a sentença de Zaratustra fala da alma como uma palavra para *um algo* no corpo). De sorte que, no fim das contas, resta claro que o próprio Nietzsche é, aqui, vítima daquilo que Wittgenstein denominou uma ficção ou ilusão gramatical. O fato é que, ao contrário do que pensava Nietzsche, a ilusão não está tanto em crer que existam objetos lá onde na realidade não existe nada, mas sim na suposição mais capciosa de que ali *deveria* haver algo. Ou seja, o fato de não haver nada (nenhum estado ou processo objetivo) a que a palavra ‘alma’ faça explícita referência não faz com que ela seja, sem mais, apenas um nome ilusório; a ilusão, ao invés, consiste em crer que é necessário estabelecer uma correspondência entre palavra e uma pretensa realidade extralinguística para que a

---

10 Uma tal afirmação pode soar surpreendente, uma vez que Nietzsche explicitamente define “alma” como, por exemplo, uma estrutura social de afetos. O ponto a ser notado, porém, é este: o fato de que ele continue a falar de alma como uma “hipótese”, como “estrutura social de afetos” ou como “pluralidade do sujeito” não é sinal de que ele está para se livrar de ilusões metafísicas, mas justamente o principal sintoma de que ele está sob os encantos de uma ilusão gramatical típica de quem adota uma postura materialista, notadamente, a suposição que a palavra ‘alma’ precisa ser remetida a um evento de origem material para realmente significar algo (afinal a aceção comum da palavra alma, na visão nietzscheana, não passa de um devaneio que, *na realidade, não se refere a nada*).

palavra contenha significado. É nesse sentido que a sentença “o corpo existe, a alma não” é sem sentido: pois, na melhor das hipóteses, não afirma outra coisa senão que a alma não existe da mesma forma que o corpo, isto é, como um objeto material — o que não passa de uma obviedade.

Mas o fato é que a linguagem não funciona de uma maneira só. Pensar o contrário é ceder a um modo de enxergar as coisas que nos é sugerido pela própria linguagem, pela maneira como costumamos pensar e falar sobre as coisas. Conforme ensina a reflexão latente no excerto de Wittgenstein, esse modo de enxergar as coisas provém de uma ficção gramatical que não raro desencaminha os mais perspicazes pensadores, sobretudo quando se propõem a falar dos mais variegados assuntos segundo os parâmetros próprios da abordagem teórica da ciência. Nietzsche é um exemplo claro e, também por isso, bastante instrutivo de alguém cujo raciocínio, ao mesmo tempo que combate ilusões e preconceitos linguísticos, procede sob os auspícios de uma ilusão gramatical ainda mais insidiosa. Nesse sentido, quando afirma pela boca de Zarathustra que “o corpo existe, a alma não”, vale para Nietzsche aquilo mesmo que ele afirma dos metafísicos: neste ponto, é forçoso dizer que o seu pensamento permanece enredado nas malhas da linguagem.

## Referências

- ANSCOMBE, G.E.M. Analytical Philosophy and the Spirituality of Man. In: *Human Life, Action and Ethics: Essays by G. E. M. Anscombe*, ed. Mary Geach and Luke Gormally. Charlottesville: Imprint Academic, 2005.
- BIESENBAACH, H. *Anspielungen und Zitate im Werk Ludwig Wittgensteins*. 2ed, Sofia University Press, 2014.
- BRUSSOTTI, M. M. Wittgensteins Nietzsche. Mit vergleichenden Betrachtungen zur Nietzsche-Rezeption im Wiener Kreis. In: *Nietzsche-Studien. Internationales Jahrbuch für die Nietzsche-Forschung*. Ed. by Christian Emden et. al. Vol. 38, 1, 2009.
- DENNETT, D. *Kinds of Minds. Toward an Understanding of Consciousness*. New York 1996, p. 77et.
- GORI, P. A caminho de uma filosofia sem alma. Uma abordagem psicofísica sobre a crítica da subjetividade em Nietzsche. In: *Cadernos Nietzsche*, 38 (2), 2017. p. 13-35.
- HACKER, P.M.S. *Insight and Illusion: Themes in the philosophy of Wittgenstein*. Oxford: Clarendon Press, 1986.

NIETZSCHE, F. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe* (eKGWB), based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, edited by Paolo D'Iorio. Berlin/New York, de Gruyter 1967-.

\_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCHNEIDER, H. J. What is it that Wittgenstein denies in his philosophy of psychology? In: *Wittgenstein-Studien*, 11(1), 2000. p. 105-131.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. *Philosophical Investigations*. Trans. G.E.M. Anscombe, P.M.S. Hacker and J. Schulte. Wiley and Blackwell, 2009.

\_\_\_\_\_. *Werkausgabe in 8 Bänden*. Frankfurt: Suhrkamp, 1989.

\_\_\_\_\_. *Wittgenstein's Nachlass. The Bergen Electronic Edition*. Oxford University Press, 1998-.